

ESCRAVIDÃO E VIOLÊNCIA:

estudo comparado do conto *Pai Contra Mãe*, de Machado de Assis, e do filme “Quanto vale ou é por quilo”, de Sérgio Bianchi

Walter Djata

RESUMO

Este artigo, então um trabalho de conclusão de curso (TCC), é fruto de uma pesquisa do tipo qualitativa, bibliográfica, iconográfica, pois usa imagens de gravuras, de anúncios e da fotografia, na medida em que dialoga com a pintura, o jornalismo e o cinema, e comparada, a partir do diálogo citado, busca elaborar paralelos entre o conto *Pai contra Mãe*, de Machado de Assis, e o filme *Quanto Vale ou é por Aquilo*, de Sérgio Bianchi, traçando uma trajetória entre a antiga forma da escravização com o atual forma de exploração das classes menos favorecidos, mostrando assim, o quanto das práticas desumanas do século XIX continuam presentes no século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis. Sérgio Bianchi. Escravidão. Literatura comparada.

ABSTRACT

This article, the result of a qualitative, bibliographical and iconographic research, since it uses images of engravings, advertisements and photography, insofar as it dialogues with painting, journalism and cinema, and compared, based on the aforementioned dialogue, seeks to draw parallels between Machado de Assis's father vs. mother tale and Sérgio Bianchi's How Much or Worth It movie, tracing a trajectory between the old form of enslavement and the present form of exploitation of the less favored classes, showing how much of the inhuman practices of the 19th century are still present in the 21st century.

KEYWORDS: Machado de Assis. Sérgio Bianchi. Enslavement. XIX, XXI. Comparative Literature.

INTRODUÇÃO

O conto *Pai contra Mãe*, de Machado de Assis, foi publicado no ano 1906, portanto após a Abolição da escravidão no Brasil (1888). Nele, há, num enredo supostamente pessoal e particular entre um pai e uma mãe, o relato da resistência dos escravizados em prol das suas liberdades e dos seus direitos. O conto representa o Brasil durante a escravidão e o jogo de poder com o qual só os ricos e os poderosos tinham direito à voz, e a outros direitos mais, porém os escravizados não aceitavam sem resistência as condições desumanas que estavam enfrentando como a tortura e a obrigação de trabalhar. Já o filme brasileiro *Quanto vale ou é por aquilo* do diretor Sérgio Bianchi foi lançado em 2005 e nele é representada uma realidade atual, porém semelhante à da era escravocrata, ou seja, as histórias se cruzam, mas em épocas diferentes: a da escravidão e a da pós-escravidão. Assim, o objetivo geral da pesquisa que resultou neste artigo foi analisar o posicionamento tanto de Machado de Assis, através do conto, como o de Sérgio Bianchi, através do filme, perante os abusos que os negros enfrentavam e enfrentam, analisando a ligação entre os escravizados e senhores por meio da representação literária e fílmica.

1 PAI CONTRA MÃE

O conto em questão começa descrevendo os castigos usados para torturar os escravizados:

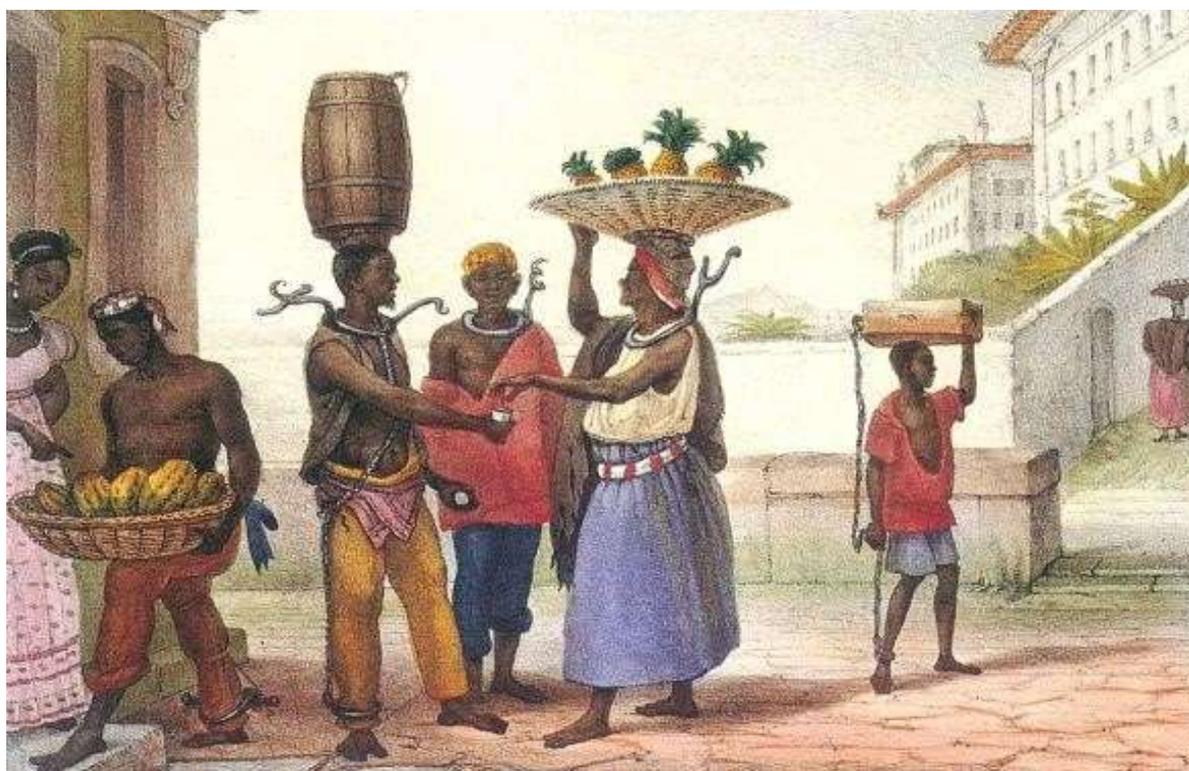
A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. (ASSIS, 2009, p. 59).

No trecho citado, Machado de Assis não só ironiza como também critica o contexto histórico, mostrando aparelhos que os donos da terra usavam como forma de repreender seus escravos. Ao relatar sobre os objetos de tortura, o autor descreve as funções desses objetos detalhadamente como se pode constatar no excerto citado abaixo:

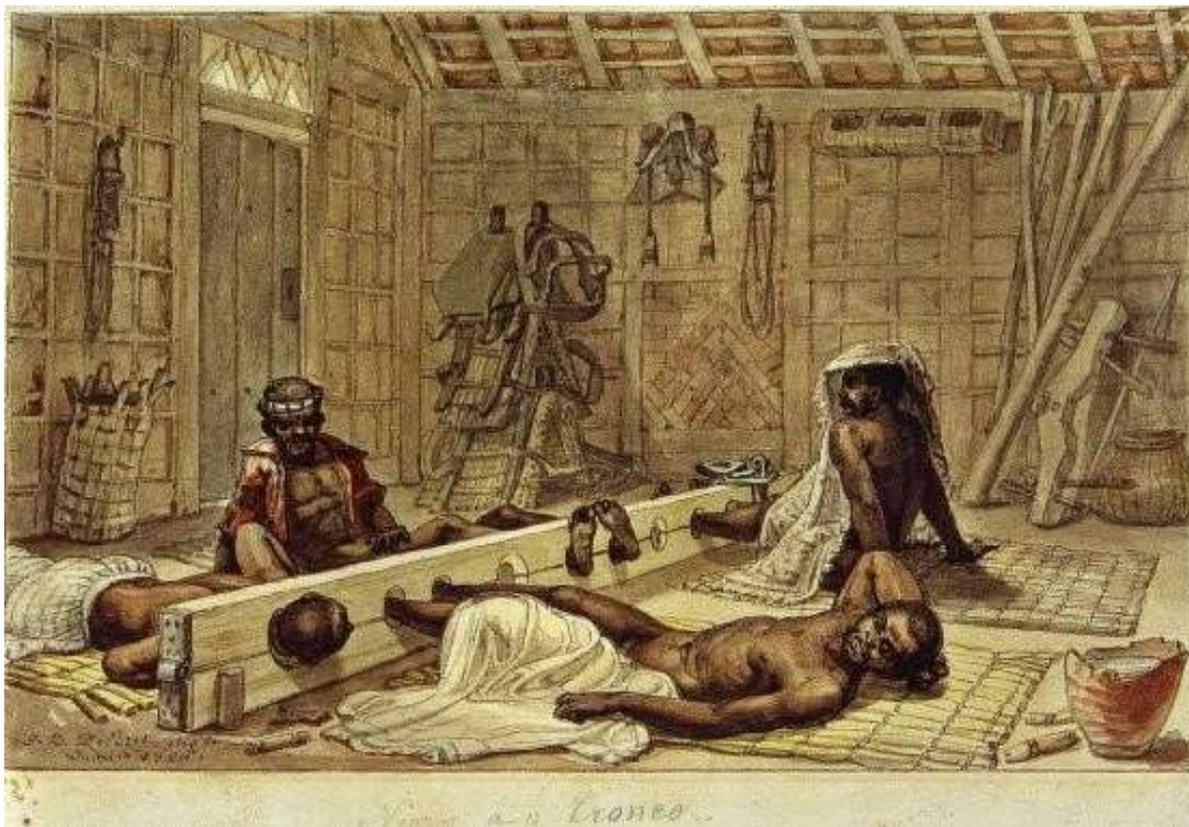
A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave.

Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado. (ASSIS, 2009, p. 59- 60).

Vale destacar aqui que estes castigos e os mesmo instrumentos, e mais alguns, aparecem representados também nas gravuras de Jean Baptiste Debret, pintor francês que se dedicou, durante o tempo passado no Rio de Janeiro (1816 – 1831) (BANDEIRA, LAGO, 2008), a registrar o cotidiano da cidade no qual não passaram sem atenção as cenas de castigos e torturas impostas aos escravizados. Abaixo, alguns dos registros de Debret:

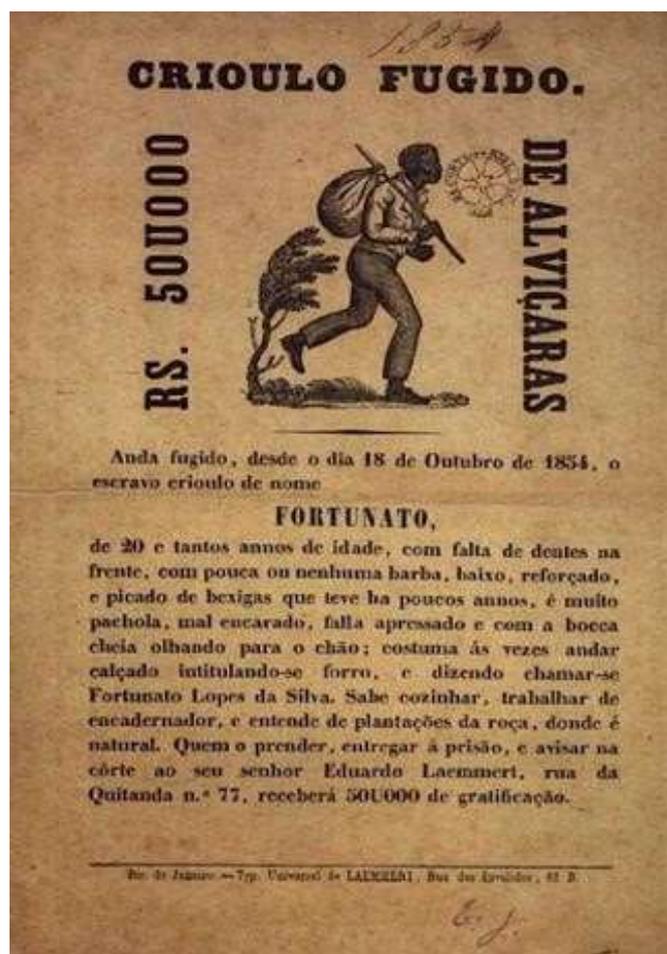


(Imagem 1 - Castigo imposto aos negros. In: BANDEIRA, LAGO, 2008, p. 189)



(Imagem 2 – Negros ao tronco. In: BANDEIRA, LAGO, 2008, p. 185)

Voltando à Machado de Assis, no conto em tela, o autor mostra a forma como a brutalidade era grande a ponto de os escravos serem marcados e, no caso de fugirem, serem identificados rapidamente pelas marcas corporais que o dono ou dona colocava em anúncios “com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação...” Às vezes, só colocava, “gratificar-se-á generosamente” ou “receberá uma boa gratificação...”. Abaixo, segue um exemplo destes anúncios:



(Imagem 3 – Crioulo fugido. Disponível em: <https://goo.gl/kX2yDN> Acessado em 19.10.2018)

Segundo a historiografia e os dados do censo de 1872¹, o único a incluir na contagem a população escravizada no Brasil, havia mais escravos nas cidades do que no campo porque a maioria dos senhores estavam na cidade, e os escravos tendem a fugir mais nas cidades e era difícil de encontrá-los porque eram muitos ao passo que no campo eram apanhados rapidamente por questões de não conhecerem os caminhos.

Os donos de escravizados também ameaçavam quem protegesse aquele tido como “fujão”, assim como mostra Machado de Assis: “Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse”. Para o autor de *Pai contra Mãe* os escravizados fugiam constantemente à procura de um lugar de sossego, evitando assim os maus tratos que recebiam dos seus donos: “Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia

¹ Disponível em: <https://goo.gl/STvHyL> Acessado em 18.10.2018.

ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada” (ASSIS, 2009, p. 60). Desse modo, ele associa a fuga dos escravizados ao trabalho de suas capturas mostrando que:

Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem. (p. 61).

Ao fugirem, os escravizados eram perseguidos pelos caçadores ou capitães do mato que ganhavam uma recompensa ao capturar e trazê-los de volta para seus donos. O escravizado que fugia recebia castigo do patrão muitas vezes por causa de dinheiro que gastou pagando o caçador. É o caso de Cândido Neves ou Candinho, que é um homem branco pobre, mas que queria ter uma boa condição de vida, porém não gostava de trabalhar. Como queria tudo sem muito trabalho, ele ganhava a vida através dos pequenos trabalhos e também da captura dos escravizados na cidade:

Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armário. (ASSIS, 2009, p. 61)

Sua falha de querer ganhar muito, trabalhando pouco, acabou fazendo com que ele perdesse a casa onde morava porque não tinha dinheiro para pagar o aluguel e, assim, teve que ir morar com seu primo. Tudo aparentemente mudou depois que ele se apaixonou por uma moça órfã, de nome Clara, que, por sua vez, “morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco” (ASSIS, 2009, p. 62). Após se conhecerem, começaram a planejar o casamento, mas tinha um grande problema: ele não trabalhava. Por não ter como bancar o casamento, decidiu aprender um trabalho com seu primo que era carpinteiro. Ao narrar a vida do Candido, o autor mostra que branco mesmo sendo pobre e com a vida precária consegue planejar e construir família, o que não acontecia com os negros.

Depois do casamento, o casal foi morar com a tia Mônica e as coisas estavam indo bem. Eles planejavam ter um filho, mas tia Mônica lhes aconselhou a não ter uma criança no momento, contando com a situação que estavam vivendo: “você, se tiverem um filho, morrem de fome”, mas não adiantou a repreensão dela: “Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara” (ASSIS, 2009, p. 63). A preocupação da tia Mônica sempre foi de como eles iriam conseguir cuidar da criança se não têm uma boa condição financeira e estavam morando numa casa onde, a cada final de mês, pagava o aluguel. Clara costurava e Cândido saía a procura dos escravos fugitivos. Tia Mônica tentou falar para ele procurar outro emprego fixo porque às vezes demorava para encontrar escravizados.

Passando algum tempo, Clara ficou grávida e Cândido ao saber da gravidez da sua esposa ficou muito feliz, mas a tia Mónica não se contentou com a notícia:

Vocês verão a triste vida, suspirava ela. Mas as outras crianças não nascem também? perguntou Clara. Nascem, e acham sempre alguma coisa certa que comer, ainda que pouco... Certa como? Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo? (p. 63- 64).

Candinho não se conformou com a conversa da tia e a criticou mostrando que nunca ficaram sem comida em casa: “A senhora ainda não jejuou senão pela Semana Santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau...” (p. 64). Ela tentou mostrar para ele que, com o filho chegando, a família iria aumentar e as despesas também aumentarão, mas ele insistia que tudo daria certo. Com o tempo, começou a escassez dos escravos fugitivos porque havia outros caçadores na cidade e, assim, os lucros de Cândido começaram a cair. Com o bebé chegando e o aluguel para pagar, as coisas se complicariam mais ainda. De tanto conselho que recebia por parte da tia Mónica, Candinho queria arranjar sempre emprego fixo, mas o grande problema é que ele não sabia nenhum ofício: “Cândido quisera efetivamente fazer outra coisa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.” (p. 66).

Vendo a situação difícil que estavam enfrentando, tia Mónica lhes aconselhou a entregar o filho na roda dos enjeitados², o que o casal recusou de início. Depois que o bebé nasceu, devido ao aluguel atrasado, o casal foi colocado para fora de casa e não teve outro jeito a não ser levar a criança para roda dos enjeitados. Candinho assim decidiu, porém, ao levar a criança, no caminho ele se deparou com Arminda, uma escrava fugitiva que ele procurou capturar. Por estar grávida, Arminda implorou para não ser levada ao seu patrão:

Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço! Siga! repetiu Cândido Neves. Me solte! Não quero demoras; siga! (p. 71).

Candinho viu que a única forma de ter sua família unida era levar a escrava para seu dono e pegar a recompensa. Ao chegar na casa do dono da escrava, Cândido entregou ela para o dono e pegou sua recompensa. A escrava sofreu castigos por ter fugido e devido a estes castigos acabou perdendo o filho que estava para nascer. Assim, Machado de Assis enfatizou a diferença entre escravos e

² Conferir em: <http://www.museudeimagens.com.br/roda-dos-enjeitados/> Acessado em 12.10.2018

brancos pobres, pois, como podemos ver no conto, Cândido era pobre mas tinha o direito de constituir a sua família, ainda que precariamente, e criar seu filho, já Arminda que era escravizada não tinha o mesmo direito. Ao final da captura, Candinho a culpa dizendo-lhe, “Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois?!” (p. 71). Ao culpar Arminda pela desagradável situação em que se meteu, Cândido parece ter colocado ela no mesmo patamar que ele, esquecendo assim que ela é escrava e que ele é livre ao passo que o dono dela tirou sua liberdade de viver como pessoa livre.

Desse modo, compreende-se que as dificuldades que os negros enfrentavam eram muito maior que a dos brancos pobres. Primeiro, os brancos, mesmo sendo pobres, são homens livres ao passo que os negros eram torturados e obrigados a trabalhos brutos e contra suas vontades. Também o conto mostra que nem todos os negros eram escravos, que existia negros livres: “Certa vez capturou um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.” (p. 66). Pode-se observar que o homem negro mesmo livre era sujeito a escravo e isso não ocorria com um homem branco pobre.

Entre os negros havia os que sofriam mais, que eram as mulheres, pois um homem negro sofria opressão, mas o que uma mulher sofria era muito pior. A mulher negra era estuprada e maltratada, considerada como objeto de sexo para os brancos, por não ter força bastante para se defender como os homens negros faziam. O que importava aos senhores da terra era explorar a mão-de-obra dos seus escravos e não importava se era mulher ou homem. Uma mulher negra grávida trabalhava de igual forma que trabalha antes de ficar grávida, uma vez que o senhor da terra não disponibilizava nenhuma condição para que o embrião pudesse se desenvolver saudavelmente.

De acordo com ALANIZ no seu livro intitulado *Ingênuos e libertos: estratégias de sobrevivência familiar em épocas de transição (1871-1895)*, mostra que:

[...] quando um fazendeiro, comerciante ou profissional liberal dispõe-se a adquirir um escravo para todo serviço, ou para tarefas específicas, sempre prefere que este seja um escravo adulto, de preferência que tenha noções das tarefas às quais é destinado. Isso se deve ao fato de que o escravo, além de uma ‘necessidade’ à época, era um investimento. Assim, dificilmente seriam procurados escravos em idade lactente ou impúberes, uma vez que estes não ofereceriam garantias de sobrevivência, bem como necessitariam de maiores investimentos do proprietário [...] (1997, p. 49).

Ao dar a luz, a mãe se preocupava que o seu senhor não tira criança dela, assim procurava ajuda na mão de um homem livre as vezes negro, mas procuravam mais brancos porque um negro mesmo sendo livre ainda vivia numa condição precária e era sujeito a escravidão a qualquer momento, enquanto que o branco mesmo sendo pobre conseguia assegurar vida da criança melhor que o negro, ou seja, a questão da pele conta bastante. Uma outra forma que as mulheres escravizadas usavam para

evitar que a criança sofra o mesmo que ela esta sofrendo acabam por matar a criança antes de nascer como salienta a obra *Mulher e escrava: Uma Introdução ao Estudo da Mulher Negra no Brasil*:

...Não seria, no entanto, descabido identificar na prática do aborto e do infanticídio uma forma de resistência da escrava seja às péssimas condições oferecidas á procriação, seja ainda a inevitável condição escrava que legaria em herança aos filhos. Os infanticídios, vistos sob esse prisma, seriam, sobretudo, a única e trágica forma visualizada pela mãe escrava para livrar seus filhos da escravidão. (GIACOMINI, 1988, p.26).

As ajudas que as mulheres escravizadas pediam era que um outro dono da terra fosse padrinho de seu filho ou sua filha, assim, ao serem comprados por outro senhor da terra, passariam a ser considerados livres, as vezes também esses senhores se aproveitava disso para proteger seu nome de escravizador construindo assim um status social melhor como mostra Martha Daisson Hameister no seu artigo “*Registros batismais: Documentos para a Reavaliar o papel da mulher na família e na sociedade colônias*”:

Os padrinhos preferenciais são pessoas de destaque na sociedade local e as famílias que os convidaram são, em sua maioria migrantes que vieram para a América como colonos agricultores. A oferta de afilhado jamais será retribuída na mesma medida pelos padrinhos que não ofertarão afilhados aos seus compadres de baixo estatuto social. Assim, as obrigações subjacentes à relação de compadrio colocam em vantagem, nessa troca – a situação de credor – o que menos tem a ofertar e colocam como agrilhado pelas obrigações da dádiva, o que melhor situa-se na pirâmide social. Entretanto, ainda assim tem a ganhar. A grande quantidade de convites para adentrar às famílias pelo parentesco espiritual estabelece as bases e a demonstração de sua ascendência moral sobre estes e engrandece o seu prestígio.³

A mulher negra, mesmo sem força para enfrentar o senhor da terra, ainda lutava pela liberdade fazendo escolhas difíceis, uma vez que ela poderia abortar não só para livrar seus filhos da escravidão, mas, também, como forma de lutar contra a opressão que sofria e tanto trabalho duro sem descanso. Além dos castigos impostos pelos senhores, que eram na sua maioria homens brancos, para manter o erotismo dos seus maridos longe das escravizadas, pois as mulheres dos patrões prejudicavam-nas marcando-as como animal como relata o livro *Da Palmatoria ao Patíbulo* (Castigos de escravos no Brasil):

Extirpando olhos, decepando seios, espatifando dentes, cortando narizes, talhando orelhas, lanhando bundas e lombos, deformando faces, aleijando corpos, amputando membros, eliminavam em suas rivais tudo que porventura despertasse o erotismo, a luxúria, a lubricidade de seus cupidos de sensuais esposos; e quando não por ciúme, cometiam as sinhas os mesmos crimes por motivos outros, de ordem administrativa domestica, senão por fúteis razoes.” (GOULART, 1971, p. 49)

³ Disponível em: <https://goo.gl/M1UxE1> Acessado em: 12.10.2018

Mesmo sem nenhum motivo, a mulher do patrão às vezes maltratava as mulheres escravizadas por coisas sem importância. Ao não suportar mais os castigos, elas acabam fugindo como se vê no caso de Arminda, que deu fuga porque não aguentava mais tanta chicotada da patroa e com o filho chegando ela tinha que cuidar de si para poder dar a luz em boas condições sem pressão da patroa. Enquanto os homens negros eram explorados no campo de trabalho, as mulheres negras eram exploradas em casa como empregadas e/ou mancebas para os donos da terra. A mulher negra tinha e ainda tem uma condição muito precária na sociedade brasileira .

As mulheres negras, pagaram um preço alto pelas forças que adquiriram e pela relativa independência de que gozavam. Embora raramente tenham sido “apenas donas de casa”, elas sempre realizaram tarefas domésticas. Dessa forma, carregaram o fardo duplo do trabalho assalariado e das tarefas domésticas” (DAVIS, p. 233).

A escrava fugitiva do conto *Pai contra mãe* fugiu por motivo que talvez nem seu dono soubesse e só veio a saber quando foi pega e levada de volta para ele: “Aqui está a fujona...”; ao reconhece-la mandou o dono pagar ao caçador e a mandou entrar, vindo a acontecer o pior com o seu filho: “No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou” (p. 72). Não se sabe se o pai era o marido da patroa ou se outro homem branco ou outro homem escravizado e negro. Isso mostra que os abusos e opressões sofridos pelas mulheres negras na época eram muito frequentes e tratados como algo normal, porque, na visão e na mente do homem branco, a mulher negra era vista como objeto sexual, o que ocorria também na maioria dos países que escravizaram os negros, que eram considerados como uma doença na sociedade branca e era chamados pelo nome de tudo aquilo que é de mal como explica Franz Fanon:

Na Europa, o Mal é representado pelo negro. É preciso avançar lentamente, nós o sabemos, mas é difícil. O carrasco é o homem negro, Satã é negro, fala-se de trevas, quando se é sujo, se é negro – tanto faz que isso se refira à sujeira física ou à sujeira moral. Ficaríamos surpresos se nos déssemos ao trabalho de reunir um grande número de expressões que fazem do negro o pecado. Na Europa, o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. Enquanto não compreendermos esta proposição, estaremos condenados a falar em vão do ‘problema negro’. O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, enegrecer a reputação de alguém; e, do outro lado: o olhar claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. Uma magnífica criança loura, quanta paz nessa expressão, quanta alegria e, principalmente, quanta esperança! Nada de comparável com uma magnífica criança negra, algo absolutamente insólito. Não vou voltar às histórias dos anjos negros. Na Europa, isto é, em todos os países civilizados e civilizadores, o negro simboliza o pecado. O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro. (1961, p. 160).

No que se refere à família, este é de certa forma o ambiente de *Pai contra mãe*, em que a escrava fugitiva, à procura da melhoria para seu filho que estava para nascer, é impedida por Cândido, homem branco e pobre, que também tentava procurar uma forma de sustentar sua família e seu recém-

nascido filho em vias de ser enviado para um orfanato. A questão da igualdade era desaprovada na sociedade brasileira, como o enredo do conto aponta inúmeras vezes, como no caso de Cândido, que mesmo sendo pobre ainda tinha mais direitos do que Arminda, uma vez que a questão racial se impunha sobre a questão de classe.

2 QUANTO VALE OU É POR QUILO?

Também essa realidade é presente e talvez ainda mais clara no filme *Quanto Vale ou É por Quilo?* do cineasta brasileira Sérgio Bianchi, que, por sua vez, é baseado no conto “Pai contra Mãe”. O filme começa com a personagem Joana, uma negra livre que comprava escravos para lhe ajudar na sua fazenda. Em um certo dia, um de seus escravizados foi roubado por um senhor branco de nome Manoel Fernandes. A antes dona do escravizado foi reivindicar seus direitos de proprietária, mostrando que o escravizado era dela e acabou sendo acusada de perturbar a paz social e ofender o senhor Fernandes. Por esse motivo, ela foi condenada à prisão, tirando assim seus direitos de viver como pessoa livre. Nota-se que a Joana também era escrava, que ao ser livre, comprou sua fazenda e teve escravos que lhe ajudavam nos trabalhos, ou seja, ela como livre que era, começou a construir sua fortuna. Mesmo com direito e status que ela tinha, ainda assim era inferior na frente dos brancos. O discurso de que escravizado ou escravizada alforriada era uma pessoa livre foi distanciado da realidade, que é muito cruel como mostra o filme.

De volta ao conto, para dialogar com ele, quando foi pega, Arminda implorou pela sua liberdade pedindo a ajuda das pessoas que estavam presentes no local de sua captura, porém ninguém lhe ajudou: “A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la” (p. 71). Nota-se que a luta desesperada de Arminda era em vão, porque todos sabiam do emprego de Candinho e o consideravam normal. Existe uma grande ironia no trecho citado acima onde o que serviu de união numa família tornou-se a desgraça de outra família. No final do conto Machado mostra a trajetória de Cândido que, depois de entregar Arminda ao seu dono e a viu perdendo a criança, saiu de lá e foi pegar seu filho que tinha deixado na mão do farmacêutico para capturar Arminda: “quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo, mas o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. (ASSIS, 2009, p. 72).

Ao pegar seu filho, ele agradeceu e voltou para casa muito alegre porque não precisaria mais levar seu filho para roda dos enjeitados, mas, ao chegar em casa, explicou o ocorrido para sua família. A tia, por sua vez, não se contentou com o aborto da escrava e “Disse, é verdade, algumas palavras

duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga...”, ou seja, reforçou a suposta culpa imputada à escravizada. Machado de Assis terminou o conto mostrando a reflexão de Candinho sobre o acontecido: “Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração” (p. 73). Ao analisar a situação do negro escravo na época, é possível entender que nem toda criança vingava, porque a grande parte da população foi excluída, tanto econômica como socialmente e, assim, os escravizados foram dominados por seus donos. O crítico literário Roberto Schwarz afirmou:

Esquematizando, pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o ‘homem livre’, na verdade dependente. Entre os primeiros dois a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. (1977, p. 15- 116).

Para Schwarz, o homem era submetido ao paradigma social, no qual mesmo não sendo escravizado, mas sendo pobre, era desprezado, dependendo de “ganhar” seus sustentos dos senhorios das fazendas. Também o sistema de alforria que era usado na época acabava prejudicando o escravo em vez de ajuda-los porque um senhor ou senhora, ao parcelar a alforria, estipulava o valor que o seu escravizado pagaria a cada ano, daí o escravizado era considerado livre, mas na verdade não era livre porque ele começava a procurar emprego ou a vender alguns produtos só para conseguir quitar a quantia combinada com o patrão. Às vezes, ao não conseguir emprego acabam pedindo que um outro senhor quitasse sua dívida com seu senhor, acordando de trabalhar para o novo senhor por tempo combinado. A outra forma de pegar era fazer empréstimo com amigos ou familiares para pagar depois. Em todos os meios citados acima, o senhor sempre saía ganhando porque não importava quantas parcelas o agora considerado homem livre houvesse pago: se falhasse no pagamento de uma parcela, ele volta a ser escravo, ou seja, o chamado homem livre no sistema de alforria era igual a um cafetão que vai administrar seu sistema de prostituição e cada mulher prostituída tem uma quantia certa a pagar e se não o fizesse pagaria os juros como castigo. Era um sistema que os senhores usavam para ganhar mais e mais dinheiro através dos seus escravizados.

Trazendo o filme novamente como contraponto, a viúva escrava Lucrecia que trabalhava para seu senhor Caetano que estabeleceu o valor da sua liberdade de 34 mil réis, ela viu que mesmo com o trabalho que fazia não conseguiria juntar a quantia para pagar sua alforria, daí pediu que sua amiga Maria Antônia lhe comprasse sua alforria em troca dela trabalhar durante um ano e nas horas extras para Maria Antônia para pagar a quantia emprestada e estipularam juros de sete e meio por cento ao ano. Maria Antônia foi para cartório com o Caetano onde ela comprou a alforria da Lucrecia. A

Lucrécia trabalhou bastante, depois de três anos ela conseguiu juntar o dinheiro no valor de 42.238 réis e os juros estipulado, Assim Maria Antónia conseguiu lucro de 8.238 réis, ou seja, ganhou mais do que gastou.

No filme, mostra também o Candinho que não tem um trabalho fixo e que ganhava vida com pequenos ofícios, tentando juntar dinheiro para casamento com sua noiva Clarinha que mora com a tia Mónica. Esta queria lhes ajudar no casamento, mas não tinha dinheiro. Ela foi falar com sua amiga dona Noemia que por sua vez aceitou pagar o casamento, mas a tia Mónica trabalharia para ela um ano. Ela aceitou e, no dia de casamento, a Noemia lhe avisou que sua empresa foi transferida para interior e que queria que ela fosse com ela para lá, mas Mónica lhe explicou que não queria sair e deixar sua sobrinha, que estava grávida. Noemia por sua vez reivindicou dizendo que lhe ajudou nos momentos mais difíceis e ela não queria retribuir, daí Mónica decidiu dar uma menina que ela tinha para criar e esta faria o trabalho no lugar dela.

Passado algum tempo, o Candinho não conseguia encontrar emprego, como de costume, e decidiu virar matador de aluguel, ou seja, ele era pago para matar pessoas. Uma vez foi contratado por Ricardo Pedroso, que era um alto funcionário e roubava muito dinheiro do estado, para matar Arminda que descobriu seu esquema de roubo. Candinho invadiu a casa da Arminda, que estava grávida e ela reagiu. Assim, começou uma briga, mas ela não tinha força para deter o Candinho e acabou caindo no chão. Ele, por sua vez, não atirou mesmo ela mandando ele atirar, depois uniram seus planos e conseguiram pegar o dinheiro do Ricardo. Foi assim, “sendo esperto”, que Candinho conseguiu sustentar sua família.

Nota-se que os nomes e as funções das personagens do filme são as mesmas do conto de Machado de Assis, a diferença é que o Candinho do filme, mesmo tendo matado muitas pessoas, não conseguiu matar uma mulher grávida porque percebeu que era mais lucrativo para ele se juntar a ela e pegar o dinheiro do mandante do crime ao passo que o Candinho do conto, mesmo sabendo da situação da escravizada, decidiu leva-la ao seu dono. Não se trata de um ser melhor do que o outro, se trata de conseguir um lucro ainda maior. O filme e o conto são de épocas diferentes, mas muitas das vezes apresentam a mesma opinião, porém, no caso do filme, acrescida de aspetos referentes à realidade da sua época. Também uma outra situação muito importante do filme foi a do presídio onde um dos presos relatou que antes eram escravos com donos, mas agora viraram escravos sem donos, dando entender que as Organizações Não Governamentais (ONG) que defendiam os seus direitos e os ajudavam não passavam de uma falsa colaboração para roubar seu

dinheiro porque recebiam apoios internacionais mas os rejeitados, que no caso do filme eram os presidiários, não recebiam nada daquele dinheiro.

O autor mostra que a falta de oportunidade e a vontade de erguer acabou levando muitas pessoas ao caminho do crime, no caso da personagem Candinho, havia nele a falta de caráter que por não conseguir emprego virou matador de aluguel, o mesmo acontece com o Cândido do conto que virou caçador de escravizados fugitivos. Candinho queria ganhar dinheiro rápido e sem nenhuma profissão na mão e com a sociedade onde só os ricos são privilegiados acabou piorando tudo para ele. O filme é formado por panoramas que apontam para a escravidão do passado e a moderna. No decorrer do filme, o diretor mostra que, para fazer o filme, algumas partes foram tiradas do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e algumas partes foram alteradas mantendo seus sentidos. De acordo com o crítico literário Roberto Schwarz, a desigualdade entre a sociedade brasileira escravocrata e as ideias do liberalismo europeu acabaram por irritar os que estavam a favor da escravatura e a envergonhar os que estavam contra a escravatura, criando assim uma grande paradoxo na época:

É claro que a liberdade do trabalho, a igualdade perante a lei e, de modo geral, o universalismo era ideologia na Europa também; mas lá correspondiam as aparências, encobrendo o essencial - a exploração do trabalho. Entre nós, as mesmas ideias num sentido diverso, por assim dizer, original. (1977, p.12).

Roberto Schwarz, em outra obra, intitulada *Um mestre na periferia do capitalismo*, coloca que Machado de Assis criou um brasileiro para sua última fase de escrita com uma característica "interior, diverso e melhor do que se fora apenas superficial", embora logo explique o crítico que "o brasileiro mencionado aqui não é fácil de trocar em miúdos." (1990, p. 8). As degradações da família e a contradição entre ideias e economia é bem a nota da dificuldade do Brasil atual, que percorre o conto *Pai contra mãe*, uma vez que o enredo analisa em contraponto a família pobre, branca e de agregados, à escrava de uma escravizada negra, fugitiva e grávida que pertence ao seu senhor, que estabelece uma recompensa pela captura. O Brasil do século XIX alinhava ideias económicas progressistas e a escravidão que prosseguia, sendo a prática diferente o que acaba sendo suspeita suposição. Segundo António Cândido:

Se encaramos a sua obra, não dentro do panorama estreito da literatura brasileira dos povos ocidentais, mas na corrente geral da literatura dos povos ocidentais, veremos a contrapartida irónica e por vezes melancólica do seu êxito sem quebra. Pois sendo um escritor de estatura internacional, permaneceu quase totalmente desconhecido fora do Brasil; e como a glória literária depende bastante da irradiação política do país, só agora começa a ter sucesso d'estime, nos Estados Unidos, na Inglaterra, nalgum país latinoamericano. A glória nacional quase hipertrofiada, correspondeu uma desalentadora obscuridade internacional. (1968, p. 17)

Antônio Cândido, por exemplo, antes de Schwarz e depois de Romero, no seu trabalho intitulado *Esquema Machado de Assis*, mostrou alguns aspetos biográficos do próprio Machado de Assis, enquanto negro, de origem pobre na sociedade brasileira:

Mas na verdade os seus sofrimentos não parecem ter excedido aos de toda gente, nem a sua vida foi particularmente árdua. Mestiços de origem humilde foram alguns homens representativos no nosso Império liberal. Homens que, sendo da sua cor e tendo começado pobres, acabaram recebendo títulos de nobreza e carregando pastas ministeriais. Não exageremos, portanto, o tema do génio versus destino. Antes, pelo contrário, conviria assinalar a normalidade exterior e a relativa facilidade da sua vida pública. Tipógrafo, jornalista, funcionário modesto, finalmente alto funcionário, a sua carreira foi plácida. A cor não parece ter sido motivo de desprestígio, e talvez só tenha servido de contratempo num momento brevemente superado, quando casou com uma senhora portuguesa. (1995, p. 15).

Já segundo Campedelli:

A posição de Machado de Assis no panorama da Literatura Brasileira é a de um renovador, não apenas porque realmente revolucionou a narrativa brasileira, imprimindo a ela um tom mais verosímilhante e menos supérfluo, mas também porque foi além de seu tempo imprimindo-lhe um senso psicológico notável. (2004, p. 145)

A originalidade de Machado de Assis na sua forma de escrever tem uma relação muito forte com a sociedade brasileira no século XIX. Obviamente, Machado em sua época recebeu duras críticas por exemplo do crítico literário Sílvio Romero que o descrevia assim:

O estilo de Machado de Assis não distingue pelo colorido, pela força imaginativa da representação sensível, pela movimentação, pela abundância, ou pela variedade do vocabulário. Suas qualidades mais eminentes são a correção gramatical, a propriedades termos, a singelez da forma... O estilo de Machado, sem ser notado por um forte cunho pessoal, é a fotografia exata do seu espírito, de sua índole psicológica indecisa. Correto e maneiroso, não é vivace, nem rutilo, nem grandioso, nem eloquente, é plácido e igual, uniforme e compassado; sente-se que o autor não dispõe profundamente, do vocabulário e da frase vê-se que ele apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da linguagem. (1897, p.100 - 101)

Diferente de Schwarz, ao fim do século XX, Romero desaprova o estilo machadiano criticando sua estrutura, sua falta de originalidade, e seu comportamento perante a sociedade brasileira. Enquanto Schwarz enfatiza o brasileiro representado na segunda fase de romance de Machado, Romero critica sua postura e sua discrepância na descrição do brasileiro. De acordo com Roberto Schwarz:

No romance machadiano praticamente não há frase que não tenha segunda intenção ou propósito espirituoso. A prosa é detalhista ao extremo, sempre à cata de efeitos imediatos, o que amarra a leitura ao pormenor e dificulta a imaginação do panorama. (1977, p. 18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No conto, é possível observar que Machado de Assis fez duras críticas à sociedade escravocrata daquela época, apontando a condição desumana e a exploração suportada não apenas pelos escravos, mas também pelos brancos, que apesar de não serem escravos viviam em situações muito precárias, porém, ainda assim em condição mais favorável que as pessoas negras e as pessoas negras escravizadas. Assim pode se dizer que o conto relata o desamparo humano através das desgraças colaterais de um pai a uma mãe numa gestão escravista, onde o pai, branco, livre e pobre, e a mãe, negra, escravizada e muito pobre, ambos com mesmo objetivo, lutam pela sobrevivência dos seus filhos, nessa luta onde o ser consegue moderar sua mente justificando sua atitude mesmo realizando a maior violência, que é o caso de Cândido, que conseguiu manter sua família unida destruindo outra família. Vemos situação análoga no filme, o Candinho pode não matar Arminda, mas matou outras pessoas para conseguir sustentar sua família, o que mostra que, mesmo com tantas lutas feitas em prol da igualdade, a sociedade brasileira ainda continuou tendo problemas de desigualdade tanto racial como econômica. Tanto no filme como no conto o que se pode notar é que cada qual fez uma denúncia sobre a desigualdade social brasileira, os abusos que os negros enfrentaram e ainda enfrentam. O filme deu a continuidade de mostrar que ainda existe desigualdade social e a população negra ainda continua sofrendo através desse sistema capitalista que favorece somente a uma parte da sociedade. Como se viu ao longo do artigo, procuramos lidar com duas artes e saberes, a literatura e o cinema, acrescentando em nossa análise outras fontes e recursos como as gravuras e o anúncio de jornal, trazendo para o texto registros históricos da realidade social brasileira. Como registros do tempo, uma vez que produzidos na época da escravidão, as gravuras e o anúncio reforçam o modo como a sociedade brasileira lidou historicamente com a população negra, sobretudo a população negra escravizada.

REFERÊNCIAS

ALANIZ, Anna Gicelle García. **Ingênuos e libertos**: estratégias de sobrevivência familiar em épocas de transição (1871-1895). Campinas/SP: UNICAMP, 1997.

ASSIS, Machado de. Pai contra Mãe. In: **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, v. 2.

BIANCHI, Sérgio. Entrevista concedida a Ana Aranha e Eduardo Cléber. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT961935-1655-2,00.html> Acesso em: 12 out. 2018.

BANDEIRA, Júlio, LAGO, Pedro Correia do. **Debret e o Brasil**: obra completa (1816 – 1831). 2. ed. Rio de Janeiro: Capivara, 2008.

CANDIDO, António. Esquema Machado de Assis. In: **Vários Escritos**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

FRANZ, Fanon. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1978.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulher e escrava: uma Introdução ao Estudo da Mulher Negra no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

GOULART, José Alípio. **Da palmatória ao patíbulo** (Castigos de escravos no Brasil). Rio de Janeiro: Ed Conquista 1971.

JÚNIOR, B.A & CAMPIDELLI, S. Y. **Tempos da Literatura Brasileira**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das, MACHADO, Humberto Fernandes. **O Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PROENÇA Filho, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 18, n. 50. jan./apr. 2004.

QUANTO vale ou é por quilo? Direção de Sérgio Bianchi, 2005. 108 min, color., son. DVD.

ROMERO, Sílvio. **Machado de Assis**. s/e. Rio de Janeiro, 1897. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000200019>. Acesso em 27 dez. 2017.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. 4. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda.1977.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Livraria Duas Cidades/Ed. 34, 1990.

HAMEISTER, Martha Daisson. Registros Batismais: Documentos para reavaliar o papel da mulher na família e na sociedade coloniais. In: **Simpósio temático Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidade, Deslocamentos**. Florianópolis: UFSC, 2010.